

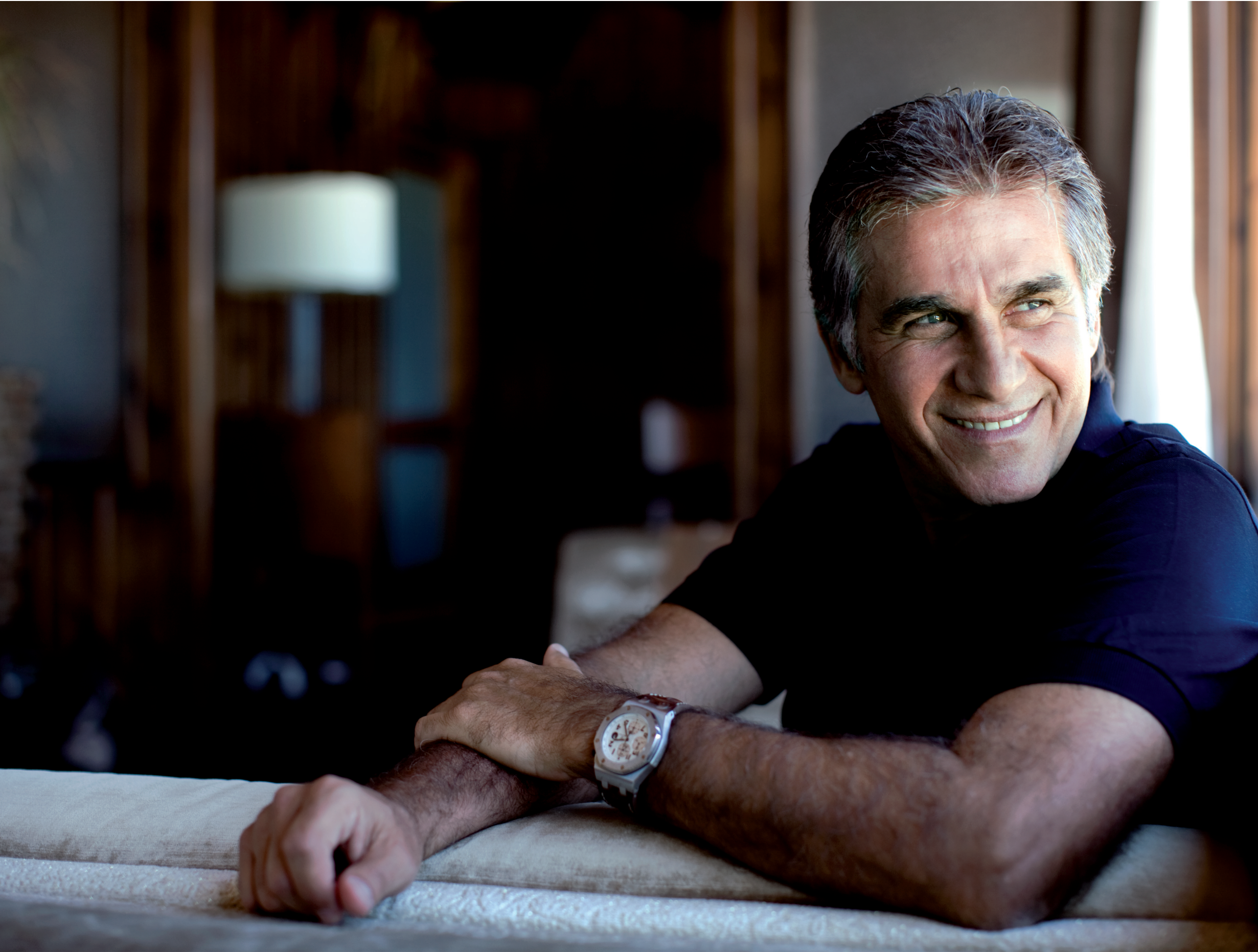
Confissões de um viajante

Covilhã, 19 de Maio de 2010
Entrevista conduzida por Hubert de Haro, fotos Kenton Thatcher

Alguns afirmam que gosta de ouvir o ressonar dos leões para adormecer.

Eu não acredito. Até porquê é certo e sabido que os leões não dormem (...)

Folga é para descansar.
E foi precisamente o seu dia de folga que Carlos Queiroz, treinador da selecção nacional, escolheu para receber a *Espiral do Tempo*, na Covilhã, numa quarta-feira de inabitual calor. A mensagem não podia ser mais clara: não venham com mais perguntas sobre a titularidade deste ou daquele jogador, que já chega!



Alto, com uns olhos azuis arrasadores, a personagem nunca se escondeu durante a entrevista. Mais: demonstrou tolerância perante os meus ‘episódicos’, mas valentes, pontapés (!) na gramática portuguesa.

De regresso, após 16 anos de ausência no País, não se esperava outra atitude da parte de um ‘viajante’, como o próprio gosta de se auto-intitular. À semelhança da personagem de *O Alquimista*, de Paulo Coelho, que regressa à sua aldeia para encontrar o que procurara toda a sua vida numa viagem incessante pelo mundo, o ‘afro-português’ ou o ‘luso-africano’ Carlos Queiroz transmite uma necessidade quase orgânica de falar sobre África e de lá voltar. Confrontado com a ingénua pergunta «Boas recordações de Moçambique?», a resposta funde «todas». Não há margem para dúvidas. O espaço, o tempo e os cheiros dos seus primeiros vinte anos marcaram-no para toda a vida. Este aspecto parece ser um lugar-comum nas pessoas nascidas em terras luso-africanas. Pois. Mas parece mesmo que é verdade.

Das pressões da imprensa e do público, não falamos. Nem mencionamos o nome de um único jogador. Estamos a menos de um mês do início do campeonato mundial de futebol e a apenas dois dias do agregar dos felizes seleccionados.

Como se nada disto houvesse, conversámos sobre África, sobre a pontualidade e, claro, sobre os relógios suíços. Ouvimos muito. Falámos um pouco. Como era de esperar, aprendemos. Ficámos convictos, no entanto, de que a última lição ainda está para ser encontrada pelo próprio ‘professor’. Entre tempo profissional e privado, os minutos passaram a voar. Uma intimidade que poucos sabem criar, num contexto profissional tão stressante. A ‘nossa’ selecção fica bem entregue. Disto, não tenho dúvida.

PS: Carlos Queiroz demonstrou grande elegância quando aceitou trocar o seu relógio preferido da Hublot que trazia no pulso, por um Audemars Piguet Royal OffShore Safari. Ele gostou da nossa escolha.

Eu não queria começar a entrevista por ‘professor’, porque deve estar cansado de ouvir ser chamado ‘professor’...

Ainda ontem estava numa conferência de imprensa e agradeci à primeira pessoa que me chamou pelo nome. Vocês sabem que lá fora não estamos habituados à adjectivação profissional, e eu também vim de uma região portuguesa em que isto não acontecia por influência dos sul-africanos e ingleses, em

Moçambique. Lá havia menos ‘esta coisa’ dos doutores, do engenheiro, do professor. Tenho vindo a dizer às pessoas para, se possível, me tratarem pelo nome e menos por um título que, ainda por cima, não tenho. Se tivesse esse título, poderia utilizá-lo...

Carlos Manuel Brito Queiroz. 1 de Março de 1953. Nampula. Algumas recordações especiais?
Todas.

Não há nenhuma mais especial?

Todas. Sobre tudo aquelas que nos ajudaram a crescer e a ser o que somos hoje no espaço e no tempo das memórias. Embora seja uma conjuntura, para nós euro-africanos, tenho defendido as novas identidades no mundo e tenho feito um apelo porque já não somos minoria, já somos tantos ou mais quanto as identidades primitivas originais que são a europeia, a africana, a asiática. A mestiçagem das identidades é em muito maior número do que a percentagem das originais, mas a nossa conjuntura fez com que fôssemos cortados das nossas raízes... é muito diferente. Uma coisa é um luso-europeu voltar a Borba, outra coisa é um euro-africano, como eu, voltar a Nampula e verificar que as raízes da conjuntura sociopolítica que existia desapareceram completamente. As nossas raízes de ex-colónias assemelham-se à situação das pessoas daquela aldeia que foi submersa por uma barragem. Por mais que se reproduza uma aldeia num outro sítio, algo se perde. O que é que fica? Ficam os sentimentos, fica a memória, ficam as cores, ficam os cheiros que se reproduzem um bocado mais dificilmente no espaço e no tempo. Fazer o culto dessas memórias é mantermos vivos esses aspectos e, sobretudo, é uma forma de pagarmos um tributo aos nossos antepassados e às nossas raízes.

Quando se fala da parte Sul de África, fala-se muito de espaço. Será que esta ideia de dimensão teve alguma influência na sua vontade de ir mais longe, não só no tempo, mas no espaço?
Sinto e acredito que teve uma influência decisiva na forma de pensar, na forma de ambicionar. Não defino a grandeza das pessoas ou dos países pela sua dimensão. Eu acho que, em todos os países, as pessoas são grandes pelos princípios que defendem e que cultivam. Esses é que não têm limites. Mas que o facto de ter nascido em África me levou a ser uma pessoa por natureza que pensa sempre em grande e

que vê sempre em grande, disso não tenho dúvidas. Lembro-me de um moço que cresceu comigo, o Alberto, que nunca tinha visto o mar. Era um rapaz do interior. Um dia, tínhamos cerca de 18 anos, conseguimos convencê-lo a ver o mar. Fomos todo o caminho a assustá-lo o máximo possível. Chegámos à praia e o mar estava calmo, parecia um vidro. E eu nunca me esqueço: saímos os três, éramos três amigos, estávamos com ele e ele olhou, olhou e disse-me assim: «menino, afinal o mar é a mesma coisa que um rio, só não tem é o lado de lá». Isto mostra o que é esta ideia de espaço, e da dimensão do impacto que pode ter nas nossas vidas.

Conseguiu voltar a encontrar esse espaço nas suas ‘andanças’ pelo mundo?
Estou intimamente ligado a um grupo pequeno de pessoas, desenraizados. Fomos violentamente levados a situações de ruptura com o passado, pois, por razões nobres, na perspectiva de alguns, na perspectiva de outros nem tanto. De uma forma violenta e abrupta, mas foram os sinais do tempo. Temos de aceitar essa situação, como o que foi certo para as pessoas. Mas o futebol deu-me a possibilidade e o privilégio de poder estar outra vez intimamente ligado a África. Posso dizer que tenho um pé no mundo e um pé outra vez em África, onde tenho, em Moçambique, ligações muito fortes.

Se não tivesse escolhido o caminho do futebol, dada a sua infância, dado o peso (no sentido positivo da palavra) dos cheiros, das cores de África, já pensou no que é que poderia ter feito?
Houve muito momentos da vida em que, devido à conjuntura política, social, à guerra, estive à beira de poder não concretizar esta ligação ao desporto e ao futebol. Foram coisas que aconteceram e que nos ultrapassaram a todos; foram maiores do que nós. O meu pai foi jogador e eu não me consigo imaginar fora desta rota.

Foi um destino certo.
Foi um destino certo, concretizado, mas não aquele que poderia ter sido. Infelizmente no período entre 1974 e 75, por questões de sobrevivência, fui tentado a outros caminhos. O meu sonho, de tirar um curso ligado ao futebol e ao desporto, naquela altura não era possível porque o meu pai não tinha condições para me deixar seguir essa carreira. Eu sabia que não havia hipóteses e lembro-me do esforço enorme que fiz para fugir à tropa e à

guerra. De qualquer das maneiras, eu era um tipo que estudava e poderia matricular-me na faculdade. Para mim, qualquer coisa servia e os meus amigos perguntavam: «para onde é que tu vais?» «Vou para engenharia mecânica» «Eu vou também». Queria era estar nesta vida, queria fazer desporto, mas houve uma varinha mágica que adiou a minha vinda e que me ajudou a seguir para o único caminho onde eu me revejo. Poderia ter acontecido ser um peixe fora de água, algo que acontece muitas vezes. O conceito de trabalhar nunca existiu, porque, para mim, o trabalho, a realização, o prazer, são a mesma coisa.

Historicamente, a prática do desporto teve uma influência enorme no desenvolvimento, na inovação tecnológica no mundo da relojoaria mecânica de hoje. No fundo, tem vindo a ajudar a democratizar o mundo dos relógios. Como é que lida com isto no seu dia-a-dia? A medição do tempo é algo de óbvio?
Eu lido com isto de várias maneiras porque profissionalmente, no que respeita ao treino, já não se trata de medir o tempo hoje. Trata-se de estar à frente no tempo.

E o que é que significa estar à frente no tempo?
Significa que se nós não formos capazes de pensar e de decidir, pelo menos, uma fracção de segundos à frente dos nossos adversários, dificilmente podemos ter sucesso. Isto significa ser capaz de que a minha leitura do tempo, a minha convivência com o tempo se resuma a projectar tudo isso no meu conceito de presente. Quando se trata de competição, é fundamental sermos capazes de viver o presente, antecipando aquilo que no futuro poderá ser mais competitivo. Nós, de facto, medimos, avaliamos, comparamos, mas o mais importante é enquadrar isso no conjunto de decisão para quando os outros decidem, nós já o tenhamos feito. Pensar mais rápido do que os adversários é hoje factor decisivo do sucesso. Temos de levantar pedra sobre pedra tudo o que já foi feito, para sermos capazes de decidir com qualidade e antecipação.

Quando prepara os jogos, os jogadores e toda a equipa, há uma mecânica temporal de olhar para os 90 minutos?
Não. Não de uma forma precisa, mas de uma forma estratégica. Nós sabemos que, às vezes, o factor tempo, a evolução do tempo na própria competição, está relacionado com certas tendências das equipas.

Há equipas que são muito fortes na sua precisão e eficiência nos primeiros minutos, mas que vão baixando gradualmente o rendimento ao longo do tempo. As decisões estratégicas da equipa jogam-se com a própria abordagem do adversário e do tempo. No primeiro tempo, talvez abordemos o jogo de uma determinada maneira e, no final, as acções de risco que temos de desenvolver em 15 minutos são totalmente diferentes do que quando se está a ganhar. Há aqui uma densidade de decisões que, muitas vezes, é projectada no tempo. Para pensarmos mais rápido, temos de integrar a nossa experiência e o nosso conhecimento, temos de integrar o futuro, as respostas que vêm do futuro para utilizarmos no presente. Naturalmente difere perante as situações. Se o resultado for zero a zero, ou se estivermos a perder, as próprias acelerações e o ritmo dos jogadores muitas vezes mudam em função destes factores. No factor momento presente, estar um segundo à frente significa que estão integradas estas coisas todas. Está integrado o passado, o futuro e a decisão.

Com estes anos todos de experiência, será que podemos falar em tempos repetitivos, em previsibilidade, como num jogo de xadrez? Os anos ensinaram-no, não a controlar o tempo, mas a encará-lo como um assistente que observa porque há tempos que se vão repetir?

O que se repete é o perfil, o quadro que se apresenta. Depois os elementos mudam. Uma coisa é certa: 15 minutos são sempre 15 minutos que valem por cada um dos 60 seus segundos. Isso é inevitável. Quando se está a ganhar e é preciso manter esse resultado para ganhar três pontos ou quando se está a perder os 15 minutos são diferentes. O que altera esses 15 minutos relativamente ao seu valor? São as emoções. Quanto mais controlado emocionalmente eu estiver, mais precisos são os 15 minutos. Quanto menos eu tiver o controlo, mais longo ou mais curtos se tornam. E eu tenho de fazer isto para mim também porque eu sou parte desse momento. Tenho de ser capaz de treinar e preparar a minha equipa para saber gerir 15 minutos. Quanto maior é o patamar de qualidade, de controlo técnico de uma equipa, mais os minutos se aproximam do seu verdadeiro valor em tempo. Quanto menos controladas as pessoas estiverem, menos aquilo parece patético e o tempo torna-se mais longo e mais curto. Porquê? Porque o tipo de decisões que se vão fazer nesses três minutos acabam por não saber gerir exactamente cada segundo do tempo.

Ou seja, há para o Carlos Queiroz um tempo profissional em que a precisão é um dos factores; e há um outro tempo, um tempo mais privado, onde, talvez, a sua infância fala mais alto, onde deixamos de lado toda a pressão...

Chamo-me a mim próprio um viajante. Preciso de momentos para me encontrar comigo, em termos de identidade. Para mim, não são duas pessoas, mas uma pessoa que faz uma viagem interior e uma viagem exterior. Acho que a aventura da vida exterior e a aventura de uma descoberta do meu interior tem a ver com os meus sentimentos, as minhas emoções, as minha raízes, os meus amigos, as minhas conflitualidades, as minhas inseguranças. Depois vim para Portugal, a vida profissional obrigou-me a ir para o Japão, a China, a Arábia, África do Sul, os Estados Unidos e descobri que havia um mundo à nossa volta. Sabe qual é que eu considero que é um dos problemas maiores na minha leitura das pessoas? É que eu reconheço que existem muitas pessoas inteligentes só que pensam que são as únicas. Quando a profissão me obrigou a viajar, nunca me senti diminuído por isso, pelo contrário. Ajudou-me a compreender que há outras pessoas e outras culturas. Foi isso que me levou a uma viagem mais interior. Olhei para o passado e pensei que talvez o nosso problema com os africanos tivesse sido nunca ter tentado compreender a sua natureza. Não é por eu não saber chinês que posso partir do princípio que os chineses são estúpidos. Não acho que eu seja duas pessoas, o das férias e o do futebol. Acho que sou a mesma pessoa, mas uma vez viajo por fora e outra vez viajo por dentro.

Há mais ligação entre a relojoaria, a alta-relojoaria e o futebol do que meramente a precisão suíça. Podemos afirmar «precisão e emoção tanto nos relógios quanto no futebol»?

Acho que são quase a mesma coisa. Só falta criar uma palavra que combine as duas. Hoje há inteligência emotiva, ou será precisão emotiva, mas sem dúvida acho que essa precisão que se aplica à indústria relojoeira suíça é uma forma de estar na vida. Isso não existe porque algumas pessoas de repente se lembraram de fazer isto. Existe porque é uma forma de estar na vida e de ver a vida. É por isso que, talvez, essa forma de ver a vida se repita na forma de verem o País, a sociedade, a saúde, a educação, o respeito pelos outros povos.

Entrevista completa em www.espiraldotempo.com

